

A SEMANA – 183*

1º de dezembro de 1895

Imagino o que se terá passado em Paris, quando Dumas Filho morreu. Uma das quarenta... Não cuideis que falo das cadeiras da Academia.¹ Este mundo não se compõe só de cadeiras acadêmicas; também há nele interpelações parlamentares, e dizem que o recente ministério tem já de responder a cerca de quarenta, ou sessenta. Refiro-me justamente às interpelações. Uma delas verificou-se depois da morte de Dumas Filho. O interpelante oprimiu naturalmente o ministério, o ministério sacudiu o interpelante, tudo com o cerimonial de costume, apartes, gritos e protestos; vieram os votos: o ministério teve a grande maioria deles.² Nada disso tirou à cidade esta ideia única: Dumas Filho morreu.

Dumas Filho morreu. Homens, mulheres, fidalgas e burguesas falaram deste óbito como do de um príncipe qualquer. Não há já *damas das camélias*; ele mesmo

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXI, n. 335, p. 1, 1º dez. 1895), SEMMA (p. 276-279) e SEM1953 (v. 3, p. 49-54). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda. A numeração das crônicas dá continuidade à das editadas por John Gledson, publicadas nesta *Machadiana* (2021, v. 4, n. 8), que ficou interrompida no número 182 (24 nov. 1895). Na *Gazeta de Notícias*, logo na primeira página em que vem esta crônica, há um longo artigo, não assinado, dedicado ao escritor francês Alexandre Dumas Filho (cuja morte é o principal assunto desta crônica), sob o título “DUMAS FILHO”. A ilustração do artigo pode ser vista ao final desta crônica (p. 37).

¹ Alexandre Dumas Filho (27 jul. 1824 – 27 nov. 1895) ingressou em 1874 na Academia Francesa (modelo da nossa), que tem quarenta cadeiras.

² Não localizamos a fonte em que Machado de Assis encontrou esses números (“quarenta, ou sessenta”). Entretanto, jornais do Rio de Janeiro publicaram, ao longo de 1895, telegramas vários enviados de Paris, noticiando intensos debates no parlamento daquele país sobre a campanha militar francesa em Madagascar e sobre reformas econômicas. Na *Gazeta de Notícias* (23 out. 1895, p. 2), um telegrama de 22 de outubro informa que “já foram esta tarde depositados na mesa da câmara dos deputados, uns trinta pedidos de interpelação, principalmente sobre a campanha de Madagascar”. No *Jornal do Commercio* do dia 27 de novembro há o seguinte telegrama: “Na Câmara dos Deputados encetou-se hoje a discussão das interpelações apresentadas à Mesa por diversos membros da Câmara. / São em número de 26, relativas a diferentes assuntos, que o Governo terá de responder.” Um outro telegrama, datado de 27 de novembro, e publicado no dia 29, no mesmo jornal, diz: “O Sr. Godofredo Cavaignac, Ministro da Guerra, foi interpelado na Câmara dos Deputados sobre a campanha de Madagascar e sobre o modo como foram dirigidas as operações militares. / O Ministro respondeu [...]. / Depois deste discurso do Sr. Cavaignac, que foi muito aplaudido, a Câmara votou por 426 votos contra 54, uma moção de confiança ao Gabinete Burgeois”. É provável que seja esta a sessão parlamentar a que Machado de Assis se refere como ocorrida após a morte de Dumas Filho.

disse que a mulher que lhe serviu de modelo ao personagem de Margarida Gautier³ foi uma das últimas que tiveram coração. Podia parecer paradoxo ou presunção de moço, se ele não escrevesse isto em 1867, vinte anos depois da morte de Margarida. Demais, se as palavras dão ideia das coisas, a segunda metade deste século não chega a conhecer a primeira. Cortesãs, ou o que quer que elas eram em 1847, acabaram horizontais,⁴ nome que é, só por si, um programa inteiro, e é mais possível que já lhes hajam dado outro nome mais exato e mais cru. Não faltarão, porém⁵ mulheres nem homens, tantas figuras vivas, criadas por ele, tiradas do mundo que passa, para a cena que perpetua. Todos esses, e todos os demais falaram desta morte como de um luto público.

A moda passará como passou a de Dumas pai, a de Lamartine, a de Musset, a de Stendhal,⁶ a de tantos outros, para tornar mais tarde e definitivamente. Às vezes, o eclipse chega a ser esquecimento e ingratidão. Musset, – que Heine dizia ser o primeiro poeta lírico da França,⁷ – pedia aos amigos, em belos versos, que lhe plantassem um salgueiro ao pé da cova.⁸ Possuo umas lascas e folhas do salgueiro que está plantado na sepultura do autor das *Noites*, e que Artur Azevedo me trouxe em 1883; mas não foram amigos que o plantaram, não foram sequer franceses, foi um inglês.⁹

Parece que, indo fazer a visita aos mortos, doeu-lhe não ver ali o arbusto pedido e cumprir-se o desejo do poeta. Donde se conclui que os ingleses nem sempre ficam

³ Margarida Gautier é personagem de *A dama das camélias*, e foi inspirada na cortesã Rose Alphonsine Plessis (1824-1847), que adotou o nome Marie Duplessis por lhe parecer mais elegante. Dumas Filho manteve breve romance, em 1844, com a jovem. Depois de sua morte, escreveu um poema sobre ela com o título “M. D.”, publicado em *Péchés de jeunesse* (1847, p. 389-398), que Machado de Assis traduziu com o título de “Maria Duplessis” (*Diário do Rio de Janeiro*, ano XL, n. 21, p. 2, 15 abr. 1860). A interessante história dessa tradução pode ser encontrada em Wilton José Marques (2022, p. 229-267). A versão de Machado pode ser lida na *Machadiana Eletrônica* (v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101, jan.-jun. 2020).

⁴ A expressão “acabaram horizontais”, referindo-se às cortesãs em 1847, soa ambígua: como a crônica foi escrita em 1895, a expressão tanto poderia significar “morreram” como também ser uma referência à prostituição feminina. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* dá “meretriz” como sinônimo de “horizontal”. (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, 2001. Verbetes: *horizontal*)

⁵ Não faltarão, porém] Não faltarão, porém, – em SEM1953.

⁶ Alexandre Dumas, pai (1802-1870), romancista e dramaturgo francês; Alphonse de Lamartine (1790-1869), escritor, poeta e político francês; Alfred de Musset (1810-1857), poeta e dramaturgo francês; e Henri-Marie Beyle (1783-1842), mais conhecido pelo pseudônimo Stendhal, romancista francês.

⁷ Não localizamos as palavras exatas da referência de Machado de Assis, mas Heine (1863, p. 53) diz que “George Sand pour la prose et Alfred de Musset pour les vers, surpassent en effet leurs contemporains français, et dans tous les cas ils sont supérieurs à M. Victor Hugo.” (“George Sand, pela prosa, e Alfred Musset, pelos versos, superam de fato seus contemporâneos franceses, e são superiores a Victor Hugo.”) [Tradução livre, nossa.]

⁸ Machado de Assis tinha grande afinidade com a obra de Alfred de Musset, o que o levou a traduzir o poema “Lucie”, com o título “Lúcia”. É nesse poema que se encontram os versos a que o cronista se refere – embora não os tenha incluído em sua tradução. O poema é uma elegia publicada em 1835 na *Revue des Deux Mondes* (1835, p. 617-620), e a tradução de Machado pode ser lida na *Machadiana Eletrônica* (v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55, jan.-jun. 2020). A afinidade a que nos referimos, reconhecida por seus contemporâneos, fez com que dois de seus amigos, Artur Azevedo, em 1883, e Carlos Magalhães de Azeredo, em 1897, presentearassem-no com ramos do salgueiro plantado no túmulo do poeta, no Père Lachaise, em Paris. (ASSIS, 1969, p. 115-122)

⁹ Não sabemos quem é o “inglês”, a quem Machado de Assis se refere.

com a ilha da Trindade.¹⁰ Há deles que dão para amar os poetas e seus suspiros. Também os há que, por amor das musas, fazem-se armar soldados. Um deles, quando os gregos bradaram pela independência, pegou em si para ir ajudá-los e não chegou ao fim; morreu de doença em Missolonghi.¹¹ Era par de Inglaterra; chamava-se, creio eu, Georges Gordon Noel Byron.¹² Tinha escrito muitos poemas e versos soltos e feito alguns discursos.¹³

A glória veio depois da moda, e pôs Dumas pai no lugar que lhe cabe neste século, como fez aos outros seus rivais. Cada gênio recebeu a sua palma. Se a moda fizer a Dumas filho o mesmo que aos outros, o tempo operará igual resgate, e os dois Dumas encherão juntos o mesmo século. Rara vez se dará uma sucessão destas, a glória engendrando a glória, o sangue transmitindo a imortalidade. Sabeis muito bem que, nem por ser filho, o Dumas, que ora faleceu, deixou de ser outra pessoa no teatro, grande e original. Entendeu o teatro de outra maneira, fez dele uma tribuna, mas o pintor era assaz consciente e forte para não deixar ao pé ou de envolta com a lição de moral ou filosofia uma cópia da sociedade e dos homens do seu tempo. Dizem também que o filho pôs a vida natural em cena; mas disso já se gabava o pai em 1833,¹⁴ e creio que ambos, cada qual no seu tempo, tinham razão.

Nem por ter saboreado a glória a largos sorvos, perdeu Dumas filho a adoração que tinha ao pai. Ao velho chegaram a chamar por troça “o pai Dumas”. O filho, ao referi-lo, conta uma reminiscência dos sete anos. Era a noite da primeira representação

¹⁰ A ilha da Trindade localiza-se a cerca de 1150 quilômetros da costa do Espírito Santo. A disputa Brasil-Inglaterra pela posse da ilha ocorreu no final do século XIX, entre 1895 e 1896 – o assunto era recorrente nos jornais do Rio de Janeiro à época –, quando a Inglaterra já sofria a concorrência de novos atores no cenário internacional, como, por exemplo, Alemanha, Estados Unidos e Japão. Contudo, ainda era a maior potência mundial, e hegemônica na América do Sul desde a época das independências das antigas colônias. (Cf. ARRAES, 2002, p. 241-253.) Machado de Assis se refere, frequentes vezes, à questão da ilha da Trindade nas crônicas da série “A Semana”.

¹¹ Missolonghi] Missohonghi – em GN.

¹² Georges Gordon Noel Byron (1788-1824), poeta britânico, participou da guerra de independência da Grécia (1821-1829) contra o Império Otomano, falecendo em Missolonghi, na Grécia Ocidental, vítima de uma febre contraída no campo de batalha.

¹³ “e versos soltos”: “em versos soltos” (?). O contexto em que a expressão “e versos soltos” se encontra – “poemas e versos soltos e feito alguns discursos” (grifo nosso) – permitiria a correção, com alteração de sentido: “e versos soltos” = “e poemas inacabados”, “e versos avulsos”; ou “em versos soltos” = “em versos brancos”.

¹⁴ Não localizamos a obra em que Alexandre Dumas (pai) se gabava de colocar “a vida natural em cena”, mas encontramos uma passagem em que trata lateralmente do assunto, ao falar de sua afinidade com o teatro inglês. “Je l’ai dit, du jour où j’avais vu, dans la personne des artistes anglais, les hommes de théâtre oubliant qu’ils étaient sur un théâtre; cette vie factice rentrant dans la vie positive, à force d’art; cette réalité de paroles et de gestes qui faisait, des acteurs, des créatures de Dieu avec leurs vertus et leurs vices, leurs passions et leurs faiblesses de ce jour-là, ma vocation avait été décidée.” (DUMAS, 1863, v. 5, p. 17) (“Eu disse isso [sobre o teatro], desde o dia em que tinha visto, na pessoa de artistas ingleses [Shakespeare, e outros], os homens de teatro esquecendo que estavam em um teatro; *essa vida artificial entrando na vida positiva por força da arte; essa realidade de palavras e de gestos que fazia dos atores criaturas de Deus, com suas virtudes e seus vícios, suas paixões e suas fraquezas* – minha vocação estava decidida.”) [Tradução livre e grifos, nossos.]

de *Carlos VII*. Não entendeu nem podia entender nada do que via e ouvia. A peça caiu. O autor saiu do teatro, triste e calado, com o pequeno Alexandre, pela mão, este amiudando os passinhos para poder acompanhar as grandes pernadas do pai. Mais tarde, sempre que saía da primeira representação das próprias peças, coberto de aplausos, não podia esquecer, ao tornar para casa, aquela noite de 1831, e dizia consigo: “Pode ser, mas eu preferia ter escrito *Carlos VII*, que caiu.”¹⁵ Conheceis todo o resto desse prefácio do *Filho Natural*, não esquecestes a famosa e célebre página em que o autor da *Dama das Camélias* fala ao autor de *Antony*: “Então começastes esse trabalho ciclópico que dura há quarenta anos...”¹⁶

Também o dele durou quarenta anos. A mais de um espantou agora a notícia dos seus 71 anos de idade; e ainda anteontem, em casa de um amigo, dizia este com graça: “então lá se foi o velho Dumas.” Todos tínhamos o sentimento de um Dumas moço, tão moço como a *Dama das Camélias*. A verdade é que um e outro guardaram o segredo da eterna juventude.

Lá se foi toda a crônica. Relevai-me de não tratar de outros assuntos; este prende ainda com o tempo da nossa adolescência, a minha e a de outros.

Naquela quadra cada peça nova de Dumas Filho ou de Augier,¹⁷ para só falar de dois mestres, vinha logo impressa no primeiro pacote, os rapazes corriam a lê-la, a traduzi-la, a levá-la ao teatro, onde os atores¹⁸ a estudavam e a representavam ante um público atento e entusiasta, que a ouvia dez, vinte, trinta vezes. E adverti que não eram, como agora, teatros de verão, sem¹⁹ jardim, mesas, cerveja e mulheres, com um edifício de madeira ao fundo. Eram teatros fechados, alguns tinham as célebres e incômodas travessas, que aumentavam na plateia o número dos assentos.²⁰ Noites de festas; os rapazes corriam a ver a *Dama das Camélias* e o *Filho de Giboyer*,²¹ como seus pais tinham corrido a ver o *Kean* e *Lucrecia Bórgia*.²² Bons rapazes, onde vão eles? Uns

¹⁵ “C’est possible; mais j’aimerais mieux avoir fait Charles VII, qui n’a pas réussi.” – DUMAS FILS, 1879, p. 19. (“É possível; mas eu preferiria ter escrito *Carlos VII*, que não teve sucesso.”) [Tradução livre, nossa.] Essa passagem vem no “Préface” da comédia *Le fils naturel*, do qual Machado de Assis aproveita, em tradução livre, alguns trechos para compor este parágrafo da crônica.

¹⁶ “Alors commença ce travail cyclopéen qui dure depuis quarante années.” – DUMAS FILS, 1879, p. 17. (“Então começou este trabalho ciclópico que dura já quarenta anos.”) [Tradução livre, nossa.]

¹⁷ Émile Augier (1820-1889), escritor francês, membro da Academia Francesa.

¹⁸ atores] autores – em GN. Mário de Alencar e Aurélio corrigiram.

¹⁹ sem] com – em SEMMA e em SEM1953. Esse período admite duas compreensões: 1. “[os teatros] não eram, como agora, teatros de verão, [eram] sem jardim [...]”. Eram teatros fechados [...]” (grifo nosso); 2. [os teatros] não eram, como agora, teatros de verão, com jardim [...]” (grifo nosso). Se se admite a primeira compreensão, a preposição “sem” estaria correta – não haveria razão para corrigir.

²⁰ Em GN e em SEMMA, a palavra “assentos” vem seguida por dois pontos (...). Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 53, nota 1) diz-nos que os dois pontos “podem estar em vez de ponto-final ou de reticências”. Seguimos a lição do filólogo, e adotamos o ponto-final.

²¹ *Le fils de Giboyer* (1862), comédia em 5 atos, de Émile Augier.

²² *Kean* (1836), de Alexandre Dumas (pai), baseia-se na vida do célebre ator inglês Edmund Kean (1787-1833); *Lucrecia Bórgia* (1833), de Victor Hugo, retrata a aristocrata italiana da era renascentista Lucrecia Bórgia (1480-1519).

seguiram o caminho dos autores mortos, outros envelhecem, outros foram para a política, que é a velhice precoce, outros conservam-se²³ como este que morreu tão moço.



ALEXANDRE DUMAS FILHO

FONTE: *Gazeta de Notícias*, p. 1, 01 dez. 1895.

²³ conservam-se] conservam-so – em GN.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ARRAES, V. C. A presença britânica na ilha da Trindade: a reação do Parlamento brasileiro. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 39, n.153, p. 241-253, 2002.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 335, p. 1, 01 dez. 1895. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13149>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

DUMAS, Alexandre. *Mes mémoires*. Paris: M. Lévy Frères, 1863. t. 5.

DUMAS FILS, Alexandre. *Le fils naturel: comédie em cinq actes*. *Oeuvres complètes*. Paris: Calmann Lévy, 1879.

DUMAS FILS, Alexandre. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847.

FARIA, João Roberto. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 51, p. 299-333, 2004.

HEINE, Henri. *Lutèce. Lettres sur l'avie politique, artistique et sociale de la France*. Paris: Michel Lévy Frères, 1863.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARQUES, Wilton José. *Machado de Assis e as primeiras incertezas: a formação literária, o poema inédito e o malogro do primeiro livro*. São Paulo: Alameda, 2022.

MUSSET, Alfred de. Lucie. *Revue des Deux Mondes*, tome deuxième, quatrième série, Paris, Au Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 617-620, 1835.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.